

REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da União Operária Nacional  
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO  
Rodagem e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa - PORTUGAL  
End. telegr. Talha - Lisboa - Telefone: 1  
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## A VERDADE

Foi sempre norma desta casa dizer-se que se pensa, falar-se sem rodeios, claramente, sem torções a verdade em circunlóquios medrosos ou hipócritas. E não ignoramos nós que falar verdade a uma sociedade que só para a mentira vive e apenas pela mentira se mantém traz sérios dissabores. Nós os temos sofrido em larga escala. Nós os continuaremos a sofrer. E isto porque não modificaremos a atitude que até aqui nos orgulhamos de ter mantido. Primeiro, porque não queremos: trata-se da vontade pessoal de quantos preenchem estas colunas. Segundo, porque não podemos: trata-se do desejo colectivo, do desejo dos milhares de trabalhadores que este jornal formaram só para defeza dos seus interesses mas, principalmente, para defeza dos seus ideais. Por modos que a verdade é, para nós, não só a divisa íntima, mas ainda a obrigação imposta. Continuamos a prestar-lhe culto, pois só assim este jornal terá razão de ser. Outra maneira, *A Batalha*, falseando a sua missão, tornar-se-ia um miserável papel de embrulhos, e bem poderiam ser corridos vergonhosamente aqueles que à sua frente estão, se à primeira tergiversação não preferissem enforçar-se como Judas, chafurdando em opróbrio, esses mesmos que a dirigem e orientam. E' assim. Perguntem-nos se somos revolucionários - e tanto monta que o interrogador seja um amigo ou seja um esbirro - e nós responderemos com uma intemperada afirmativa. Perguntem-nos se pretendemos fazer a revolução, e ainda nós diremos que sim. Perguntem-nos se somos sindicalistas, e receberão como resposta uma franqueíssima confirmação. Mas perguntem-nos depois se somos bolchevistas e nós contestaremos: não somos bolchevistas. E ora nos eis caídos no assunto, já aqui tantas vezes debatido, que mais uma vez require esclarecimentos da nossa parte.

Não é *A Batalha* um jornal bolchevista pela razão ponderosa de ser um jornal sindicalista. Porta-voz da organização operária portuguesa, ele mantém-se na defeza dessa mesma organização, mas sem inclinar-se para nenhuma das correntes que podem nortear a acção operária. E' o bolchevismo uma fórmula política que, tendo triunfado na Rússia, pode muito bem ir criando adeptos noutros países. Boa, má? Analise cada trabalhador o problema e pronuncie-se consoante a sua consciência lhe ditar. Perante esse problema, o que a nós compete é uma grande obra de esclarecimento e de crítica. E é isso precisamente o que temos procurado fazer, conforme os meios ao nosso alcance. Obra de esclarecimento e de crítica, era, de resto, a que competia a toda a imprensa. Esta achou preferível fazer antes uma obra de descrédito, de calúnia e de confusão. Daí o procurarmos nós, constantemente, restabelecer a verdade. Não é preciso ser-se bolchevista para amar a verdade. Basta ser-se honesto. Mas como quer que seja, evidências a má-fé de muitos e a ignorância de quasi todos os que nos atacam, já meio mundo nos chama bolchevista apenas porque um tanto activamente nos temos empenhado em desmentir as mentiras sobre os sucessos russos a que dá curso a maior parte da imprensa.

Há, neste caso, uma grande parcela de ignorância da parte daqueles que nos atacam. Falando com um oficial da policia, um de nós esclarecia há pouco: «*A Batalha* não é, como tantas vezes se tem dito, um jornal bolchevista. Profundo espanto do oficial: «Então? - E' apenas um órgão sindicalista», concluiu. «Mas não é isso a mesma coisa?» Trata-se de um oficial superior da policia, ao qual muitas vezes teríamos confiado diligências para garantir e chamada ordem pública, e para o qual vem a ser a mesma coisa a organização sindical dos trabalhadores e uma fórmula politico-economica de remodelação social. Não admira que, com tais mestres, desandem os simples guardas, já de si visceralmente brancos, a chamar-nos sovaks quando nos apanham nos calabouços. A ignorância vai de cima abaixo, mas completa, crassa, profundissima. Ao mesmo tempo, a má fé não perde ensejo de manifestar-se, alternando com a ignorância, no ataque. Disse-se insistentemente, espalhou-se bem que era o bolchevismo uma doutrina de torvos criminosos, de facinoras sem freio. Uma propaganda assim, feita num meio onde só uma escassa minoria sabe ler, e lê apenas o que de mau se publica, havia fatalmente de dar os seus resultados. E já meio mundo crê que na Rússia os maximalistas

### 24 HORAS DE CATIVEIRO

## No picadeiro do Carmo

Um cerco inesperado - Uma jornada em camião - As delícias do picadeiro - Alegria e entusiasmo - Os hinos revolucionários são cantados com ardor

Eram, pouco mais ou menos, 20.30. Reinava completa calma no edificio onde está instalado este jornal, pois apenas as suas officinas se encontravam em laboração, e nos gabinetes dos vários sindicatos, camaradas dos respectivos corpos gerentes tratavam de assuntos de carácter interno. Não se realizava qualquer assembleia e nada fazia prever o que se ia passar. Ouve-se um tropear de cavalaria na calçada do Combro. Supomos, a princípio, que se tratava de qualquer força em trânsito. Mas não. Era um piquete de cavalaria da guarda republicana, acompanhado de infantaria da mesma guarda, que cercava o edificio do Correio Velho, distribuindo vedetas pelas esquinas e intimando os moradores dos prédios que ficavam próximos, a fechar as janelas. De que se tratava? Por certo de alguma busca, pensámos. E continuámos tranquilamente fazendo o jornal.

Pouco depois um chefe de policia, acompanhado de alguns guardas civis, percorreu os gabinetes e as dependências do nosso jornal, dando, muito delicadamente, voz de prisão a todos os camaradas que ali se encontravam. Ficámos surpresos. Não compreendemos a razão nem o alcance de tal gesto do governo. A monstruosidade da violência patenteava-se nos bem claramente. O pátio do Correio Velho é invadido pela guarda republicana que toma alas. Ninguém se pôde aproximar das immedições, e os poucos que tentam entrar observam o que se passa sob brutalmente intimidados a retirar-se. Ouve-se o rodar de camião. Começamos então a compreender que se trata de alguma coisa mais do que duma simples busca. Vão-nos levar para qualquer dos quartéis ou fortes de Lisboa ou, então, sepultar-nos nos porões dos vasos de guerra. E' um gesto insensato do governo, governante da burguesia, e que se encontra completamente desorientado com a nossa propaganda emancipadora, que poderosamente tem iluminado as consciências de muitos milhares de proletários. Formam-se levais. Os camións saem com os seus carregamentos de carne humana e nós passamos por entre a guarda, formada em duas alas no pátio, completamente mergulhada em escuridão, numa escuridão trágica, e onde apenas brilham os dourados dos officiais e as lâminas das baionetas. Os membros do corpo de redacção e do quadro tipográfico de *A Batalha*, são dos últimos a subir para os camións.

Ignoramos qual o nosso destino. Aos solavancos, dentro dos pesados veículos, ansiamos pelo fim da viagem que, a prolongar-se, tornar-se-ia bastante desagradável. Foi breve, porém. Poucos minutos decorreram e paramos em frente do quartel do Carmo, onde penetramos, escoltados por soldados da guarda, que nos conduziram ao picadeiro.

Julgávamos que só *A Batalha* e os sindicatos instalados no edificio do Correio Velho, é que tinham sido vítimas de tão tremendas violências. Mas não. Fomos encontrar no picadeiro algumas dezenas de camaradas, alguns, poucos, detidos na Federação do Livro e do Jornal e os outros na Juventude Sindicalista Central, onde estavam assistindo a uma sessão de protesto contra as perseguições da burguesia à imprensa sindicalista revolucionária.

Estava ali largamente representada a mocidade revolucionária. Os jovens sindicalistas eram numa percentagem elevada entre os presos. Entusiasmados, cheios de vida, acolhiam ruidosamente as sucessivas levas. Começámos a reconhecer-nos uns aos outros e há fraternos apertos de mão.

O picadeiro não tem cômodos de espécie alguma. Vasto, cheio de janelas, tem ar farfura. Porém, não havia um banco, uma tarimba onde repousar. Como cama, a terra, húmida, doentia. Tivemos que nos resignar. E lá se foi tudo acomodando; uns estendem jornais, para um pouco, evitar a humidade; outros, despiendo os casacos, que se transformam em improvisadas camas. Lentamente, com lentidão demasiada, decorre a noite. Ouve-se, muito próximo, um sino dar horas. Para que mais rápido passo o tempo e como ninguém consegue dormir, uns fazem rodas e cantam alegremente, outros jogam à malha e ao eixo. Isto os mais novos, porque os mais idosos discutem, aos grupos, sobre questões graves, olhando, com um sorriso, os que se divertem loucamente, satisfeitos como se estivessem num arrabal de S. João.

E assim, entretenendo o tempo com folgozados vários, as horas deslizam rapidamente, surpreendendo-nos o dia sem termos dormido, à excepção de alguns raros, camaradas.

Anseia-se por notícias, por saber-se o que querem de nós. Acendendo a relatórios pedidos, um guarda compra um *Século*, um só, que se começa lendo em voz alta, leitura que tem de ser suspensa por intimação de um sargento.

O período circula, então, de grupo em grupo. Rápida se espalha a noticia de que os homens do governo pensam em enviar os presos para Africa, noticia que é acolhida alegremente, trocando-se graças sobre a viagem e pensando alguns em no continente negro fundar uma comuna.

Começa reinando a fome. Há protestos. São decoradas muitas horas desde que pela última vez se comeu. Por fim,

## As perseguições do actual governo à classe operária

A despeito do actual governo há pouco tempo se encontrar no poder, a classe operária já tem a registar, até hoje, as seguintes violências:

1. - A atitude de franca protecção à Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro perante a greve ferroviária.
2. - A ordem para seguirem à frente dos comboios vagões com grevistas.
3. - A censura prévia e consequente apreensão de *A BATALHA* e do *AVANTE!*
4. - O cerco a vários organismos sindicais e a prisão arbitrária de mais de duzentos trabalhadores.
5. - A proibição do comício da União dos Sindicatos Operários de Lisboa.
6. - A manutenção da prisão de alguns camaradas, casualmente detidos na sede de vários organismos.

Teremos que acrescentar mais alguma nova violência a esta já longa lista?

### ATITUDE INEXPLICÁVEL

## O Congresso Sindicalista de Amsterdam

Um dos delegados da U. O. N. - Impedido de seguir viagem :-

Conforme dissemos há tempo, o conselho central da União Operária Nacional, em face do convite que a Confederação Geral do Trabalho de França lhe fizera para que enviasse delegados ao Congresso Internacional Sindicalista, que ora se está realizando em Amsterdam, resolveu mandar a esse Congresso dois representantes, devendo ser um deles o nosso camarada de redacção Alexandre Vieira, secretário geral da U. O. N., e o outro um preso camarada que reside em Paris.

Apesar de Alexandre Vieira se ter vivamente oposto a que o encarregassem de tal missão, por razões que não aqui aduziu, o conselho central insistiu na sua escolha e, em face dessa resolução, o nosso amigo remediou não teve senão aceitar o honroso encargo que lhe fora confiado.

No momento próprio passou o referido camarada a tratar do respectivo passaporte, o que, para pessoas que se não fazem valer por fortes empenhos ou então que se não dispõem a distribuir gorjeta por toda a parte por onde passam - argumentos decisivos nesta terra - representa uma destas tarefas suficientes a fazer desistir o mais rápido, tantas são as formalidades burocráticas a preencher e a solicitude com que se tapam. Percebeu aquele camarada, dias sucessivos, as inúmeras repartições officiais onde era mister recorrer para cumprir as complicadas formalidades legais, até que, arrancado finalmente o passaporte do governo civil, se dirigiu, depois de passar rápido pelos consulados da Holanda e da Bélgica, para a França, onde deveria ser visado o passaporte referido, na convicção de que, depois de ter gasto uma boa soma de dinheiro e de esforços, que em trabalho mais útil desejaria ter aplicado, não se esbarra com mais obstáculos à sua saída de Portugal. Pura ilusão.

Uma vez ali, entregou o amaldiçoado livrete, com as três fotografias da taxa e encheu um impresso, na esperança de que no dia seguinte, como lhe disseram, voltando ao consulado, teria em regra a papelada para se dirigir ainda a outro consulado - o da Espanha - e em seguida meter-se a caminho.

Não sucedeu assim. Voltando no dia e hora indicados, para levantar o livrete, foi amavelmente introduzido num gabinete, onde, momentos depois, entrou um novo funcionário do consulado, que depois subimos ser capitão do exercito francês.

Este cavalheiro, embora com a máxima delicadeza, começou por alegar que as informações que Vieira dera na véspera acerca do motivo que o levava a atravessar uma parte da França eram vagas, acrescentando que tratando-se do director dum órgão operário, jornal do governo português considerava bolchevista, desejaria ser informado mais detalhadamente, para que o governo português não pudesse, visado que fosse o passaporte, ter razões para taxar de menos amigos os representantes da França em Lisboa.

Esta linguagem, talvez por ser diplomática, surpreendeu justicadamente o nosso camarada. Em primeiro lugar, accentuou este *A Batalha* não é um jornal bolchevista, nem o podia ser, porque é o órgão da imprensa da União Operária Nacional, organização sindicalista, que é em Portugal o que a C. O. T. é em França, não podendo chamar-se-lhe, portanto, com propriedade, um jornal bolchevista. Compreende-se que o governo português lhe chame assim, mas isso não quer dizer nada, porque os governantes deste país são férteis em artifícios.

Em segundo lugar, era estranhável que no consulado de França houvesse o receio de que o governo português pudesse considerar como menos amigos os representantes da França, quando é certo que o nosso camarada, antes de se dirigir a esse consulado, pedira ao governo português por intermédio do

## Os presos do Carmo

Porque se mantem a prisão dos camaradas que ali ficaram?

No Quartel do Carmo, como ontem noticiámos, ficaram, por uma excepção que não compreendemos, alguns camaradas. Esperamos que, brevemente, o governo complete o seu gesto de arrependimento, restituindo-os à liberdade, tanto mais que se trata de operários trabalhadores, amigos de suas famílias e cujo único delito é serem dedicados às suas associações e trabalharem incansavelmente pela melhoria de situação dos seus camaradas de trabalho.

Se eles porventura tivessem cometido algum delito, decerto que, devido a ele, já estariam presos. Mas não; foram detidos porque, por acaso, se encontravam na sede da U. O. N., e nós, embora procuramos encontrar esse caso sob o ponto de vista burguês, não conseguimos considerar isso como um delito susceptível de punição.

A continuarmos detidos, com isso na da luctra o governo, pois não é entre eles que encontrará os imaginários *maîtres* e perturbadores da ordem pública que em vão procura descobrir entre os proletários organizados e que talvez mais facilmente descobrisse entre os membros do partido que o apoia.

Para que a opinião pública veja os terríveis agiladores que são aqueles nossos camaradas, basta dizer-se que entre eles encontra-se o nosso amigo Diogo Honório Junior, membro da Juventude Sindicalista de Lisboa, manco que ainda não completou 20 anos de idade, e que parece ter ficado ainda detido por ter presidido à sessão de propaganda do organismo de que faz parte, sessão que terminou pela prisão de todos os assistentes. Será, nesse juvenil camarada que, os argutos agentes da policia de segurança irão descobrir um perturbador da ordem pública?

Tornam-se ridículos os governantes com tais violências. E o ridículo é uma arma terrível, mais contundente que qualquer crítica, ainda a mais pungente, que aos seus actos se reca.

Mandem, pois, libertar esses nossos amigos e compreendam de vez que a agitação operária não é devida aos maneios de alguns poucos indivíduos que as provocam para fins inconfessáveis, mas sim ao estado de consciência dos trabalhadores que, na sua maioria, já sabem o que querem e qual a missão que tem a desempenhar.

Em Coimbra encontra-se também preso o camarada, manufactur de calçado, José de Almeida, acusado de ser o dirigente dos operários da construção civil daquela cidade e de fazer propaganda bolchevista. São umas acusações tão graves que, se ele fosse levado perante um tribunal, os juizes baldadamente procurariam no Código o artigo a aplicar-lhe. Tudo isto representa violências que, mais tarde ou mais cedo, produzirão abundantes frutos.

## Os metalúrgicos realizam amanhã uma sessão magna

O Sindicato Unico das classes metalúrgicas de Lisboa acaba de publicar o seguinte manifesto-convite:

O Conselho Técnico de Melhoramentos da Indústria, apresentando na sua ultima reunião vários conflitos que se acham em perspectiva em diversas casas de trabalho por motivo dos ars. industriais tentarem levar por diante a execução do antigo horário das 10 horas e outros que pretendem estabelecer horas suplementares, sem retribuição condigna, antes tentando falsar e prescrever horas de trabalho, e ainda para que a classe metalúrgica se manifeste sobre o camião a seguir em face de presentes e futuras perseguições que sobre os milhares de trabalhadores se acham a fazer, com o fim de desmoralizar a massa trabalhadora, dando o golpe de morte na organização operária e tripudiando sobre ela, os seus representantes, os seus dirigentes, a burguesia, convinda todos os camaradas metalúrgicos a assistir a uma reunião magna que se realiza na sede do Sindicato, rua da Esperança, 29, 2.º, amanhã, ás 20 horas prefixas.

Que nenhum metalúrgico consinta que se deturpe a moral que presidiu à reivindicação das 8 horas de trabalho.

Que nenhum metalúrgico com dignidade consinta ao apoio de *menores* nos militantes da organização operária, sem que lave o seu vultoso protesto!

Que nenhum frate à reunião por dever de consciência proletária!

## O Kaiser e quejandos

não reinarão mais na Alemanha

VEIMAR, 27. - A assembleia nacional decidiu que os membros das famílias reinantes em 1918 na Alemanha, ficariam para sempre excluídos da presidência no território do império. - H.

## No operariado

Encontrando-se ainda cerca de 250 operários marceneiros em greve, há oito semanas, resolveu a sua Associação, por intermédio de *A BATALHA*, apelar para a solidariedade material do operariado, a fim de auxiliar aqueles camaradas.

Os donativos recebem-se na sede deste Sindicato, travessa da Água de Flor, 20-1.º. Associação de Classe dos Operários Marceneiros.

### Revolução em S. Salvador

Encontros entre tropas adversas  
NEW-YORK, 29. - Rebentou um movimento revolucionário em São Salvador, fomentado pelo general Gutierrez. Deram-se vários combates entre as tropas contrárias. - H.

Combate nas fronteiras de Nicarágua  
NEW-YORK, 29. - O movimento revolucionário rebentou em São Salvador e região Paraiso, inspirado pelo general Lopes Gutierrez, candidato à presidência. As tropas do governo rebeldes travaram combates nas fronteiras de Nicarágua. - H.

### Polacos e lituanos

BERNE, 27. - O governo da Lituânia diz que os polacos batidos em diversos recantos pelos lituanos, sofreram perdas imponentes.



# A GREVE FERROVIÁRIA

Não consegue o tempo abalar a comprovada firmeza da classe ferroviária, hoje, como no primeiro dia, disposta a vencer ::

Agoniou-se uma tarde, no Parlamento, o sr. Sá Cardoso, e leu um telegrama em que pretendia provar que a greve ferroviária, mantida inteligente e nobremente, era uma greve política, visando simplesmente o governo. Sua ex.ª foi incapaz de compreender o texto que lei, ou fez-se desentendida para poder lançar à vontade, uma mentira. A verdade é que esse telegrama dizia apenas que o conflito não era já só com a companhia, mas também com o governo, que se opunha sistematicamente, com uma persistência assinalada, a que o movimento se solucionasse. Demonstrasse agora que já então os ferroviários tinham razão, porquanto o presidente do inepto ministério confessou, anteriormente, no mesmo local, que o governo resolveria a greve a contento das reclamações desde que estes relatassem o trabalho. Está, enfim, esclarecido pela única pessoa de quem não podemos duvidar, que o conflito se mantém por uma casuística governamental. Folgassem com o facto, pois ele vem, mais uma vez, dar razão aos grevistas que, fortes na sua solidariedade, não se arreciam nem da normalização dos serviços, propagada pela Companhia, nem das grotescas xisotadas produzidas pelo ministério.

## Em Paialvo

### Proezas do comandante da força de ocupação

Comunicam-nos os camaradas de Paialvo os acontecimentos dum qualquer tenente Cordeiro que não merece o nome:

O tenente Cordeiro, que em 1900 foi factor em Paialvo, tem desempenhado um ígnobril papel, instigado pelo chefe de 1.ª, Abraham Geitoeira, que desde o dia 19, data em que retomou o serviço, se esqueceu de ter lutado ao lado dos ferroviários para agora architectar as maiores infâmias, que o tenente vai pondo em execução.

O quadro do pessoal da estação, compõe-se de um chefe de 1.ª, três factores de 2.ª, quatro factores de 3.ª, dois agulheiros, oito carregadores e dois guardas; pois, mau grado todos os esforços do chefe e os promettimentos do inspector da zona, sobre futuras compensações, só conseguiram arastar o factor de 2.ª Artur Oliveira, o factor de 3.ª Francisco de Sousa, o agulheiro José da Paz e o carregador Joaquim Pereira.

As 2 horas, de 23, foi simulado um apedrejamento à estação, estabelecendo-se em seguida grande tiroteio. No mesmo dia, apesar dos protestos do camarada Neves, chefe de 2.ª, efectuava-se a prisão dos ferroviários Jorge Gonçalves, Eloy Trindade, António Santos, Pena de Carvalho, e José Albuquerque.

O camarada António Santos, foi posto em liberdade porque, tendo fraguejado, resolveu retomar o serviço, e dois dias depois foram libertados os camaradas Eloy Trindade, Pena de Carvalho e José Albuquerque, que o tenente não conseguiu fazer mudar de atitude.

Não estava, porém, a teia ainda bem urdida e por opinião oitidida pela esposa do chefe Geitoeira, foi também preso o nosso ex-colega Cesar de Carvalho, por ter oferecido parte da sua casa ao camarada Jorge Gonçalves, quando este foi expulso da casa que ocupava na estação, sendo posto em liberdade 5 dias depois.

Diversos amigos se ofereceram ao sr. tenente para ficar por fiadores do camarada Gonçalves, mas este recusou altivamente esse favor, dizendo: «O sr. tenente privou-me da minha liberdade, ele me restituirá quando se capacitar da minha inocência. Prefiro pois voltar para o quarto que me serve de prisão a dever a minha liberdade a intervenção de alguém». Este camarada foi posto em liberdade sem mais explicações.

Estamos a contar com um verdadeiro epileptico. Senão veja-se:

O camarada Bernardino Lopes, ao ter conhecimento de que o sr. tenente estava mandando chamar os ferroviários à sua presença para os convidar a retomarem o serviço e que não o conseguindo, se deixava só preso, ausentou-se para parte incerta.

O sr. tenente mandou intimar a esposa do nosso camarada a vir à sua presença e a declarar onde se encontrava o marido, e porque ele declarou ignorar, ameaçou-a estupidamente, e essas ameaças respondeu ela:

«Meu marido é empregado do serviço do movimento, e solidário com os grevistas, só retomará o serviço quando os seus camaradas o fizerem. Eu empregada do serviço de via e obras, obrigada pela força das circunstâncias, fui forçada a continuar a fazer serviço passageiro que me foi confiada. Só tenho pois a obedecer aos meus superiores, e não a autoridade militar».

Passou-se um momento terrível! O sr. tenente imediatamente pôs a descoberto os sentimentos que se albergam debaixo daquela farda de oficial.

Ele próprio com 4 soldados, vai à casa da guarda e põe-lhe todos os seus haveres na rua, e depois disso pretende obrigá-la a deixar-se apalpar por 2 soldados, e pelos mesmos soldados a mandou acompanhar, quando ela precisou satisfazer uma necessidade. Infame, verdadeiramente infame.

## Ferrovários do Setil

Estiveram na nossa redacção alguns ferroviários da estação do Setil, saluando-nos pela defeza que temos feito do seu justo movimento. Os ferroviários da Setil encontram-se acampados numa charneca que existe junto à estação, estando dispostos a prosseguir na luta até decisão honrosa da greve.

## Nota officiosa do Comité Central

A greve continua sendo um facto, conquanto o miserável pasquim A Época no seu choro de crocodilo, diga que o movimento está solucionado.

Dirigido por um conhecido reacção e director também de uma empresa ferroviária, quer ele demonstrar a nossa perda em vez da vitória que é dos ferroviários em luta.

Se tivéssemos nas mãos os nossos comunicados, decerto morreria de raiva por ver tanta coragem e união.

—Continuamos a afirmar que há muita máquina queimada e que o serviço é um caos, pois faltam as mãos dos profissionais.

Depois do movimento se provará por escrito nos jornais que nos atacam a que miséria o governo e companhia atiraram os serviços dos caminhos de ferro.

—As associações comerciais, de lojistas e industrial protestam contra os grevistas ferroviários dando o seu apoio ao governo para que este nos esmague, levando até esse apoio à câmara dos deputados para que esta proceda de igual forma contra nós. Mas, descansem os dirigentes dessas colectividades que não faltará muito tempo para se revoltarem contra o governo e companhia, por coisas que a seu tempo virão a lume.

Com referência à apresentação do pessoal sabemos de sobejo que são fétos os expedientes habilmente combinados para ludibriar os mais fracos de espírito e o público em geral.

Os documentos em nosso poder, chegado de todos os pontos do país, põem a evidência as nossas afirmações e desmentidos que temos feito.

Enquanto um comboio de exploração conduzido por grevistas portadores das senhas que fizeram paralisar todos os serviços não sair de Lisboa a linha, a greve será eterna, afirmamos, porque doutra forma nunca mais a normalidade será um facto.

De Alfaiates receberam-se um extenso relatório, que mandaremos publicar para pôr em cheque os padres, gestos e outras individualidades que se tem prestado às mais baixas ignomínias e violências, indo até ao vil papel de denunciante dos ferroviários.

Os delegados que foram a Lisboa, chegaram às 21.45. A alegria é manifesta, porque encontraram os grevistas firmes e uma reunião na Caixa Económica muito concorrida, depois de 31 dias de greve.

Os comboios batem na ante-garda do Rocio sem do nem consciência. Será sabotagem ou falta de vigilância?

Uma notícia dos nossos delegados que foram a Lisboa e que fazem parte integrante deste comité, dizem que por uma carta lida na assembleia a que assistiram, a sabotagem feita entre Alhandra e Vila Franca foi mandada fazer pela Companhia.

A luta! Sempre avante!

Viva a greve geral!

## O Comité Central

### A cozinha comunista

Os membros componentes da cozinha comunista agradecem penhoradíssimos à direcção dos Armazéns do Chiado, assim como a todos os chefes de secção e fiscais dos referidos Armazéns, a gentileza que tiveram para com a comissão encarregada de angariar donativos para a cozinha comunista, aos primeiros pela sua pronta acquiescência ao pedido da comissão para poder percorrer todas as secções para aquele fim, aos segundos pela maneira delicada como acompanharam os comissionados e, ao pessoal pela forma carinhosa como, na medida das suas posses, concorreram para que a cozinha comunista, que tam relevantes serviços tem prestado aos nossos camaradas mais necessitados, possa continuar fazendo sentir os seus benefícios efectivos. A que nestes Armazéns, rendem esc. 17527.

A todos, pois, a comissão exprime o seu reconhecimento.

## Sindicato Ferroviário

Realiza-se hoje, às 10 horas, uma assembleia magna na Caixa Económica Operária.

## O Congresso Nacional da Indústria de Calçado, Couros e Peles

Reuniu a comissão organizadora, tomando conhecimento do expediente, dentro do qual se destacavam oficiais dos Fabricantes de Calçado do Porto, Curtidores e Surradores de Guimarães, e Curtidores e Artes Correlativas do Porto, aderindo ao Congresso. A comissão constatou que o adiamento forçado da data do congresso, motivado pela greve dos camaradas ferroviários, tem ocasionado que algumas associações, que, por falta de tempo não tinham ainda aderido, o fizessem, esperando ainda a comissão que algumas das associações adiram rapidamente, atendendo a que os assuntos a tratar são de interesse para todos os operários que se empregam nesta indústria, sendo da máxima conveniência que todas as associações enviem delegados.

Lembra a comissão, novamente, que as associações que ainda não nomearam delegados e não mandaram nota de população associativa, isso façam com brevidade, tendo resolvido officiar às associações que deixaram sem resposta a circular dimanada desta comissão.

## Congresso Nacional da Indústria da Construção Civil

Em reunião extraordinária da comissão organizadora foi resolvido protestar contra a prisão arbitrária de alguns delegados ao Congresso Nacional da Construção Civil. Registrou-se a adesão da Associação dos Mecânicos em Madeira, que se faz representar pelo camarada António Braz, e das Associações do Barreiro e Grávia.

Por este meio ficam avisados todos os delegados a ler atentamente A Batalha para saberem a data da realização do Congresso, que devido ao conflito ferroviário teve que ser adiado para data ainda não fixada.

# A BATALHA

## EM OLHAO

### GRAVES ACONTECIMENTOS

Provocados pela tropa contra os grevistas marítimos, produzem algumas mortes, bas-  
:: tantos ferimentos e muitas prisões ::

Continuava sem solução a greve da classe marítima importante a qual, quando o Olhao, quando anteontem distúrbios provocados pela tropa all desatada puzeram em sobressalto a laboriosa e sossegada população.

Entenderam os industriais que não deviam satisfazer as reclamações dos seus operários, reclamações que aliás são uma miséria, comparadas com o que hoje é necessário para manter uma casa de família.

Diversas tentativas dos armadores empregaram para obrigarem a render-se os marítimos em greve. As autoridades, como todos sabem, sempre ao lado dos patrões, exercem as costumes das violências. Alguns camaradas são presos, entre eles o correspondente de A Batalha, como já por diversas vezes aconteceu.

Pois anteontem as perseguições atingiram maior ferocidade. A tropa fuzilou a olhos fechados a multidão de grevistas que doutra forma se não rendiam à intrinseca dos armadores. Era preciso matar, fuzilar e prender mais gente ainda, implicada ou não no movimento grevista.

O caso não é original. Conhecemo-lo bem de Gaia e do Barreiro. Os habitantes de Olhao tem também sido, por mais duma vez, vítimas das arremetidas da tropa e das prepotências das autoridades.

Mas vejamos o que nos diz o nosso solido correspondente:

OLHAO, 31.—Sabendo dos acontecimentos que aqui se estavam desenrolando para aqui vim ontem na disposição de informar A Batalha, já tinha terminado o conflito quando cheguei. Apenas grupos aqui e ali comentavam o sucedido. O comércio fechado, se bem que a tropa se esforçasse por o fazer abrir. No hospital, onde procurei o clínico dr. Silva Nobre, administrador do concelho, estava um rapaz de 16 anos, num estado sobre uma pouca de sangue. Foi varado por uma bala. Um outro ferido havia já falecido e estava já caminho do cemitério. O rapaz morreu esta madrugada. A bala atravessou-lhe a região pulmonar esquerda, saindo por entre as costelas. No hospital está outro ferido prestes a deixar a vida.

## Como se deram os acontecimentos

Os marítimos, já depois de tantos dias de luta na melhor ordem, como

nada conseguissem porque os armadores dispensaram a intervenção do dr. Silva Nobre, resolveram pedir o auxílio de todas as mais classes.

Um grupo de marítimos percorreu então as ruas pedindo ao comércio que fechasse as portas que imediatamente os militares intimaram a abrir. Todavia, o comércio não abriu.

Na praça, como uma casa não abrisse quando um alferes mandava abrir, a rapaziada desatou numa palmeira estrondosa. O homem, julgando que alguém o perseguia, puxou de uma pistola, mas como visse que o seu medo era infundado, guardou-a e dirigiu-se à força que retirou. Em seguida os marítimos encaminharão-se para o largo da igreja. Al nada se deu, e o comandante da força ordenou aos militares que recolhessem.

Os acontecimentos começaram do seguinte modo, segundo me informaram: Quando os grevistas passavam em frente do posto da tropa um soldado deu um encontrão num deles fazendo-o cair e, como a multidão protestasse, o soldado subiu à cimeira de espingarda na mão numa atitude de disparar.

Em face desta ameaçadora atitude, alguns mais exaltados não se podendo conter fizeram cair algumas pedras sobre o atrevido soldado, o que deu motivo a que o tiroto começasse, entinchando-se os militares, segundo ainda outro informador.

O menor José Luis, que faleceu vítima por um tiro, foi ferido por um soldado da guarda republicana, depois de tudo cessado. Entre estas informações, que surgem de todos os lados, afirmam-me que um daqueles soldados havia dito numa taberna que não ia de Olhao sem matar três ou quatro algarvios à sua parte.

## São presos vários elementos operários

A noite passada a autoridade militar procurou diversos operários em suas casas onde os prendeu. Entre estes contam-se o presidente da Associação Marítima e o nosso camarada Augusto Cesar da Silva. Os presos seguem para Lisboa.

Falei hoje de manhã ao administrador do concelho. É bastante interessante o que ele diz e que A Batalha publicará oportunamente.

Dizem-me agora que foram presos todos os indivíduos que se achavam na associação dos marítimos.

## NO PALCO PARLAMENTAR

### DISCURSOS, LARACHAS E VOTAÇÕES

MENÚ.—É rejeitada a urgência da discussão sobre as prisões em massa!!—A questão universitária e as emendas à constituição da República ::

## Deputados

### Sessão diurna

Com a presença de 65 deputados e sob a presidência do dr. Domingos Pereira, approvase a acta da sessão anterior.

O ministro da Justiça pede a urgência e dispensa do regimento para uma proposta que manda para a mesa, para que continue em vigor a legislação referente ao regime financeiro, depois ter caducado no último dia do mês de julho e uma proposta de regime novo que há quatro dias apresentou à câmara não ter sido discutida.

Dr. Brito Camacho pede a urgência e dispensa do regimento para a proposta que manda para a mesa, para que continue em vigor a legislação referente ao regime financeiro, depois ter caducado no último dia do mês de julho e uma proposta de regime novo que há quatro dias apresentou à câmara não ter sido discutida.

Dr. Brito Camacho pede a urgência e dispensa do regimento para a proposta que manda para a mesa, para que continue em vigor a legislação referente ao regime financeiro, depois ter caducado no último dia do mês de julho e uma proposta de regime novo que há quatro dias apresentou à câmara não ter sido discutida.

Dr. Brito Camacho pede a urgência e dispensa do regimento para a proposta que manda para a mesa, para que continue em vigor a legislação referente ao regime financeiro, depois ter caducado no último dia do mês de julho e uma proposta de regime novo que há quatro dias apresentou à câmara não ter sido discutida.

Dr. Brito Camacho pede a urgência e dispensa do regimento para a proposta que manda para a mesa, para que continue em vigor a legislação referente ao regime financeiro, depois ter caducado no último dia do mês de julho e uma proposta de regime novo que há quatro dias apresentou à câmara não ter sido discutida.

Dr. Brito Camacho pede a urgência e dispensa do regimento para a proposta que manda para a mesa, para que continue em vigor a legislação referente ao regime financeiro, depois ter caducado no último dia do mês de julho e uma proposta de regime novo que há quatro dias apresentou à câmara não ter sido discutida.

Dr. Brito Camacho pede a urgência e dispensa do regimento para a proposta que manda para a mesa, para que continue em vigor a legislação referente ao regime financeiro, depois ter caducado no último dia do mês de julho e uma proposta de regime novo que há quatro dias apresentou à câmara não ter sido discutida.

Dr. Brito Camacho pede a urgência e dispensa do regimento para a proposta que manda para a mesa, para que continue em vigor a legislação referente ao regime financeiro, depois ter caducado no último dia do mês de julho e uma proposta de regime novo que há quatro dias apresentou à câmara não ter sido discutida.

Dr. Brito Camacho pede a urgência e dispensa do regimento para a proposta que manda para a mesa, para que continue em vigor a legislação referente ao regime financeiro, depois ter caducado no último dia do mês de julho e uma proposta de regime novo que há quatro dias apresentou à câmara não ter sido discutida.

Dr. Brito Camacho pede a urgência e dispensa do regimento para a proposta que manda para a mesa, para que continue em vigor a legislação referente ao regime financeiro, depois ter caducado no último dia do mês de julho e uma proposta de regime novo que há quatro dias apresentou à câmara não ter sido discutida.

Dr. Brito Camacho pede a urgência e dispensa do regimento para a proposta que manda para a mesa, para que continue em vigor a legislação referente ao regime financeiro, depois ter caducado no último dia do mês de julho e uma proposta de regime novo que há quatro dias apresentou à câmara não ter sido discutida.

Dr. Brito Camacho pede a urgência e dispensa do regimento para a proposta que manda para a mesa, para que continue em vigor a legislação referente ao regime financeiro, depois ter caducado no último dia do mês de julho e uma proposta de regime novo que há quatro dias apresentou à câmara não ter sido discutida.

Dr. Brito Camacho pede a urgência e dispensa do regimento para a proposta que manda para a mesa, para que continue em vigor a legislação referente ao regime financeiro, depois ter caducado no último dia do mês de julho e uma proposta de regime novo que há quatro dias apresentou à câmara não ter sido discutida.

# Vida Sindical

## COMUNICAÇÕES

Manufactores de Tecidos.—Sobre uma queixa enviada a esta associação pelos operários da fábrica Figueiredo & C.ª, Limitada, foi nomeada uma comissão composta dos camaradas Manuel de Almeida, João Lucas e Gregório Vicente Ferreira, que pretendeu avistar-se com aquele industrial, fazendo-lhe sentir que não se devem aplicar multas, da forma como o tem feito, aos operários. Avistou-se apenas com o filho desse industrial, com o qual não pôde chegar a um acordo, ficando a comissão de voltar ali novamente para tratar do mesmo assunto com quem de direito.

Resolveu mais realizar uma sessão de propaganda em Benfica, amanhã, pelas 15 horas, no pátio do Moleiro.

Carpinteiros.—A direcção tomou conhecimento da resolução da comissão organizadora do Congresso da U. O. N.ª, a realizar em Coimbra, de aumentar num escudo a cota para as despesas a realizar com ele e de um centavo a cota para o Congresso de Amsterdam, deliberando considerar como bala de deliberação. Resolveu protestar energeticamente contra a forma como o governo está procedendo para com os militantes e não militantes operários, ordenando prisões em massa e contra o assalto à Batalha e a todas as organizações instaladas no mesmo edificio.

Os camaradas carpinteiros que porventura estejam presos, devem comunicá-lo imediatamente a este sindicato.

Pedreiros.—São avisados todos os camaradas de que não devem trabalhar nas obras da Escola dos chauffeurs do Parque Automóvel Militar, enquanto o director daquele estabelecimento do Estado e o engenheiro Serzedelo não mandarem arrancar os tapetes. Também comunica este sindicato que tem trabalho para o pessoal que ainda ficou a trabalhar, devendo este abandonar imediatamente a obra, se não quiser passar por traidor à classe.

Trabalhadores de Teatro.—Em sua sessão de ontem a comissão da A. C. T. T. aprovou por unanimidade a seguinte proposta: Tendo em consideração os altos serviços da imprensa à causa da Arte Nacional, e muito especialmente aos Trabalhadores de Teatro, tenho a honra de propor sejam considerados bilhetes de livre trânsito nos recintos onde venham a efectuar-se todas as sessões, festas e espectáculos desta Associação, os cartões de identidade dos redactores de todos os periódicos nacionais e estrangeiros, destinando-se lugares reservados aos jornalistas que, em cumprimento dos seus deveres profissionais, honrem com sua presença os actos sociais desta colectividade.

Pedreiros de Portugal.—Este sindicato previne todos os camaradas em atraz que devem pagar na sede, na próxima quinta-feira, 7, os seus débitos. A fim de ficarem no gozo dos seus direitos e não prejudicarem o bom andamento da colectividade.

Convidase o camarada que h' tempo levou a faixa da Associação a vir entregar-lhe o mais breve possível.

## CONVOCAÇÕES

U. S. O. de Lisboa.—Para continuação dos trabalhos interrompidos a quando do cerco à sede, reúne hoje a assembleia de delegados, devendo também occupar-se da situação dos presos que ficaram no Carmo.

Sindicato Único Metalúrgico.—Reúne hoje, pelas 21 horas, o Conselho Técnico e de melhoramentos, a caixa de solidariedade e comissão administrativa para tratar de assuntos de máxima importância.

Sindicato Único Metalúrgico.—Para tratar dos ataques dos industriais ao horário das 8 horas de trabalho, reúne amanhã os metalúrgicos, pelas 17 horas, na sede deste organismo, rua da Esperança, 204, 2.ª.

Esteriotipadores, Fundidores de Tipo e Anexos.—A fim da comissão executiva dar conta dos trabalhos efectuados junto das empresas jornalísticas, reúne hoje em assembleia magna.

Mais um "vigarisado".—Queixou-se a polícia Alberto da Silva, rua Sarrafia de Carvalho, de que dois indivíduos o burlaram na quantia de 6000, pelo processo do conto do vigário.

## QUEM ACHOU?

Perdeu-se do Dufando a Oeiras, uma caderneta sindical com o n.º 15 e uma assinatura, com o nome de D. António da Silva, com o número 1045, dois retratos e três objectos pertencentes ao camarada Augusto Xavier. Pede-se a quem achou o favor de enviar para a Associação de Oeiras.

Perdeu-se do Dufando a Oeiras, uma caderneta sindical com o n.º 15 e uma assinatura, com o nome de D. António da Silva, com o número 1045, dois retratos e três objectos pertencentes ao camarada Augusto Xavier. Pede-se a quem achou o favor de enviar para a Associação de Oeiras.

Perdeu-se do Dufando a Oeiras, uma caderneta sindical com o n.º 15 e uma assinatura, com o nome de D. António da Silva, com o número 1045, dois retratos e três objectos pertencentes ao camarada Augusto Xavier. Pede-se a quem achou o favor de enviar para a Associação de Oeiras.

Perdeu-se do Dufando a Oeiras, uma caderneta sindical com o n.º 15 e uma assinatura, com o nome de D. António da Silva, com o número 1045, dois retratos e três objectos pertencentes ao camarada Augusto Xavier. Pede-se a quem achou o favor de enviar para a Associação de Oeiras.

Perdeu-se do Dufando a Oeiras, uma caderneta sindical com o n.º 15 e uma assinatura, com o nome de D. António da Silva, com o número 1045, dois retratos e três objectos pertencentes ao camarada Augusto Xavier. Pede-se a quem achou o favor de enviar para a Associação de Oeiras.

Perdeu-se do Dufando a Oeiras, uma caderneta sindical com o n.º 15 e uma assinatura, com o nome de D. António da Silva, com o número 1045, dois retratos e três objectos pertencentes ao camarada Augusto Xavier. Pede-se a quem achou o favor de enviar para a Associação de Oeiras.

Perdeu-se do Dufando a Oeiras, uma caderneta sindical com o n.º 15 e uma assinatura, com o nome de D. António da Silva, com o número 1045, dois retratos e três objectos pertencentes ao camarada Augusto Xavier. Pede-se a quem achou o favor de enviar para a Associação de Oeiras.

Perdeu-se do Dufando a Oeiras, uma caderneta sindical com o n.º 15 e uma assinatura, com o nome de D. António da Silva, com o número 1045, dois retratos e três objectos pertencentes ao camarada Augusto Xavier. Pede-se a quem achou o favor de enviar para a Associação de Oeiras.

Perdeu-se do Dufando a Oeiras, uma caderneta sindical com o n.º 15 e uma assinatura, com o nome de D. António da Silva, com o número 1045, dois retratos e três objectos pertencentes ao camarada Augusto Xavier. Pede-se a quem achou o favor de enviar para a Associação de Oeiras.

# CONTRA AS PERSEGUIÇÕES

## Protestos do proletariado

Manufactores de Calçado.—Reúne depois de amanhã a assembleia magna para se occupar das perseguições movidas à classe operária, a Batalha e Avante!, e bem assim para lavar o seu protesto contra a expulsão do camarada Artur Parente, filiado neste sindicato.

União dos Pintores da Construção Civil.—Este sindicato convocou a assembleia magna da respectiva classe, para segunda-feira, a fim de tratar das prisões em massa de centenas de operários.

## Juventudes Sindiclistas

A Juventude Sindiclistas do 3.º Bairro, em reunião extraordinária, deliberou protestar contra as perseguições dos governantes às organizações e imprensa operária e ainda contra os presos no picadeiro do quartel do Carmo, que nenhuma comodidade oferece.

Doas companheiras são encerradas num calabouço de prostitutas!

Como já referimos, entre os assistentes à sessão que a Juventude Sindiclistas estava realizando no sindicato dos alfaiates, na praça quarta-feira, estavam presas e conduzidas do governo civil-danada entrada no ígnobil calabouço, de mistura com essas desgraçadas que para se manterem mercadejam o corpo.

Chamam-se elas Leopoldina Tavares e Palmira da Conceição e só ontem foram restituídas à liberdade sem que, ao menos, desculpa lhes pedissem, desculpa do enxovalho a que foram submetidas, por cometerem o crime de, com a sua presença, sancionarem uma demonstração de protesto contra as arbitrariedades de que vem sendo vítimas a organização operária e os seus órgãos na imprensa.

O cúmulo da delicadeza, perante a fragilidade feminina!

## Protestos vários

Do pessoal que trabalha nas obras do Depósito de Praças da Armada receberam um vibrante officio de protesto contra as violências do governo e de salvação ao nosso jornal.

Também o camarada Manuel Carreira nos pede que tornemos público o seu vemente protesto contra a estranha atitude dos governantes e o seu ardente desejo de que a classe operária se una cada vez mais para opor uma forte muralha às investidas dos inimigos do proletariado.

Outros protestos e saludações temos recebido que a falta de espaço nos impede de publicar hoje.

A todos agradecemos tão consoladoras demonstrações de solidariedade e, aproveitando o ensejo, mais uma vez afirmaremos que na nossa alma não há lugar para desânimos.

## Saúdações

A comissão da Cosinha Comunista dos grevistas ferroviários, envia-nos as suas felicitações pelo malgrado do atentado dos governantes contra A Batalha e Avante! e pela libertação dos camaradas presos.

## As greves

### Marceneiros

O movimento nas oficinas que não cederam às reclamações desta classe, prossegue com energia, ferido, simultaneamente, pelo saber de várias oficinas cujos proprietários se vão conformando com as reclamações dos operários.

A assembleia de ontem congratulou-se com a libertação dos camaradas arbitrariamente presos na noite de 30 do pyssado mês, em várias associações, protestando contra a permanência no prisão, de dez desses camaradas.

Resolvem-se proceder todos os dias a três chamadas dos grevistas, perdendo o direito ao auxilio os camaradas que não comparecerem.

Occupando-se das arbitrariedades do poder, a assembleia protestou vemente contra as prisões arbitrárias dos camaradas marceneiros, José Rodrigues, Manuel Ferreira Barbosa, José Ferreira, Barbosa e Diniz Nunes da Silva, que se encontram nos infelices calabouços do governo civil há mais de oito dias sem culpa formada, falsamente acusados de agredirem um amarelo que anteriormente incluiu a classe à prática de actos violentos, não havendo matéria jurídica que justifique a continuação daquelas prisões.

## Corticeiros de Lisboa

Convida os operários gráficos, marceneiros, cerâmicos de Sacavém, moedores do Caramujo e Ferroviários, em greve, a vir a esta Associação, rua da Marinha, 39, 1.ª, receber, como auxilio, a quantia de 3500, importância que, em razão, coube a cada classe.

## Nos Trabalhadores de Teatro

### Uma sessão de homenagem aos sócios honorários

Com um programa em que figuram artistas de todos os teatros de Lisboa effectua-se amanhã, pelas 15 horas, na sede da A. C. T. T., ao largo de S. Domingos, 14, 2.ª, uma sessão de homenagem aos srs. Raul Freire, Artur Adriano Aires, Afonso dos Reis, José J. do Espírito Santo, Joaquim Quim C. Lial e Domingos C. de Oliveira.

A parte do espectáculo é preenchida com rúmos de canto e recitativo pelos nossos artistas: Deolinda de Macedo, Maria Pires Marinho, Rachel Barros e Sofia Santos, Alberto Miranda, Alfredo Silva, Augusto de Melo, Aurélio Ribeiro, Carlos Dublin, Erico Braga, Henrique de Albuquerque, Joaquim Costa, Jorge Roldão, Martins dos Santos e Virgílio Mesquita.

Na parte musical prestam a sua colaboração o maestro Manuel Benjamim e os professores António Pereira, Francisco Mendes, Humberto Franco e António Melo.

A decoração da sala que é de uma grande simplicidade artística foi elaborada pelo scenografo Luis Salvador.

# OS QUE MORREM

## FALECIMENTOS

Vitima da tuberculose, faleceu ontem o camarada João Cândido da Silva, ex-mil chefe de família, de quem era o único amparo e que deixa dentro da classe imensos amigos. Na classe dos caladadores foi um dos melhores, com muita vontade com o seu esforço para o engrandecimento da associação, nunca olhando a seus soffrimentos.

A direcção da Associação dos Estadenses e Decoradores convida toda a classe a incorporar-se no funeral desde desditos camarada, saído do presépio funebre da rua de S. João dos Bemcuidos, 131, 4.ª, pelas 10 horas.

João Afonso, 410; que aberta num baite a náo favor, 2425; Rogério Carvalho, 410; o camarada João Cândido da Silva